

Um parêntesis entre as administrações Trump ou um Presidente com obra feita? O legado de Joe Biden

Pandemia, guerras, crise na fronteira e inflação. Com mais ou menos sucesso, foram vários os desafios que Biden enfrentou no mandato. Mas é o regresso de Trump que mais pode "manchar" o seu legado.

O Presidente dos Estados Unidos da América (EUA) cessante, Joe Biden, resumiu, numa das suas últimas entrevistas no cargo, como espera que o seu mandato seja retratado nos livros de História: "Que diga que eu cheguei, que tinha um plano para restaurar a economia e restabelecer a liderança da América no mundo". O experiente político norte-americano, com uma carreira de quase 60 anos, [ressalvou à jornalista Susan Page do USA Today](#) que não se preocupa com o seu legado por uma questão de ego, de um "único homem ou mulher". É pela sua crença, enraizada ainda nas dinâmicas da Guerra Fria, de que os EUA devem estar numa **"posição em que sejam capazes de liderar o mundo"**.

Ao longo dos últimos quatro anos, Joe Biden tentou que os EUA assumissem uma posição dianteira no mundo. Mas o democrata, que chegou ao Senado com apenas 30 anos, **enfrentou várias dificuldades**. Internamente, os últimos quatro anos ficaram marcados pela **perceção** de que o Presidente cessante não conseguiu dar resposta a muitos dos problemas enfrentados pelos norte-americanos no dia-a-dia, nomeadamente na economia. No plano externo, até uniu o Ocidente numa resposta contra a Rússia de Vladimir Putin, com quem manteve sempre uma relação tensa — mas nem isso impressionou particularmente a população.

A taxa de aprovação de Joe Biden demonstra que não sai da Casa Branca como um Presidente popular. [Uma sondagem da CNN](#) publicada na passada quarta-feira mostra que apenas 36% dos inquiridos aprovam a forma como o chefe de Estado liderou o país. Pior só mesmo Jimmy Carter. Mesmo assim, no seu discurso de despedida, demonstrou "orgulho" no seu mandato, ainda que tenha reconhecido que "vai levar tempo" para se "sentir o impacto" das suas medidas.

Na opinião de vários republicanos e até vários eleitores independentes, o mandato de Joe Biden **foi bastante negativo para os Estados Unidos**. Porém, nem a sua base eleitoral pareceu particularmente convencida. [Uma sondagem publicada pela Associated Press](#) revela que apenas 50% dos democratas considerou o seu mandato "bom", ao passo que, há oito anos, Barack Obama saía com uma taxa de aprovação de 84% entre os seus correligionários.

Um dos principais motivos que gerou desconforto nos democratas foi a **maneira como quis levar avante a sua recandidatura à Casa Branca**. Apesar da idade e de já demonstrar algumas problemas de memória, Joe Biden, conhecido pela sua teimosia, acreditava que estava pronto para enfrentar Donald Trump nas urnas. Protegido numa bolha mediática pela sua equipa ao longo do mandato, o Presidente norte-americano chocou o país no debate frente ao adversário, no final de junho, com falhas no raciocínio, *gaffes* e dificuldades em completar frases.

Joe Biden argumentou que foi uma "má noite", mas as sondagens, que já pintavam um quadro negativo, anteviam um resultado catastrófico para os democratas. A tentativa de assassinio de Donald Trump foi o prego final no caixão da candidatura do Presidente. Contrariado e pressionado pelos aliados, particularmente o ex-Presidente Barack Obama e a antiga líder da Câmara dos Representantes Nancy Pelosi — a quem nunca terá perdoado a desfeita —, o líder norte-americano viu-se obrigado a "**passar a tocha**" à sua vice-presidente, Kamala Harris.

<https://observador.pt/especiais/biden-passa-a-tocha-a-kamala-para-proteger-a-democracia-de-ditadores-e-tiranos-o-discurso-do-presidente-dos-eua-em-quatro-pontos/>

Na entrevista ao USA Today, o democrata insiste que poderia vencer Donald Trump nas urnas: "Quando Trump disse que se candidatava outra vez, realmente pensei que tinha uma chance de o derrotar. Mas também não queria ser Presidente aos 85, 86 anos. Não sei. Quem sabe? Quem sabe como estarei quando tiver 86 anos?". O Presidente cessante nunca escondeu que estava em condições para liderar mais um mandato, mesmo que, no início do seu mandato, [tivesse declarado que era somente uma "ponte" para uma "nova geração de líderes"](#).

No entanto, Joe Biden nunca deu grandes oportunidades a essa "nova geração de líderes", nem mesmo à sua vice-presidente, o que pode ajudar a explicar o desastre eleitoral que os democratas sofreram nas eleições de novembro — perderam a presidência, a Câmara dos Representantes e o Senado. Por muitos feitos e louvores que até possam ser merecidos, certo é que o Presidente norte-americano não conseguiu **evitar o regresso do antecessor à Casa Branca**. E corre o risco de, por isso, ter sido um **parêntesis** e de ser recordado, nos livros de História, como uma simples **passagem** entre as administrações Trump.

Biden começa mandato focado na pandemia, mas cedo tem o percalço do Afeganistão

Quando tomou posse a 20 de janeiro de 2021, Joe Biden prometeu escrever o "próximo grande capítulo da História dos Estados Unidos", após os perigos que disse que a

democracia norte-americana tinha superado após o primeiro mandato de Donald Trump. “A América foi testada, voltou mais forte. Vamos reparar as nossas alianças e juntarmo-nos ao mundo outra vez”, declarou, concretizando qual seria um dos principais objetivos do seu mandato: **"Enfrentar a pandemia como uma nação"**.

A gestão da pandemia de Covid-19 foi o primeiro grande desafio de Joe Biden na Casa Branca. Depois de todas as polémicas em que se envolveu Donald Trump — com sugerir o fármaco hidroxiquina para tratar a doença e o facto de levantar algumas dúvidas em relação às vacinas — o atual Presidente tentou pacificar os ânimos e organizar uma campanha de vacinação. Tentou ainda estimular a economia com um [plano](#) para apoiar as empresas e a população.

O mandato não começou propriamente mal: em abril de 2021, apesar do debate político estar ainda bastante crispado na sequência da invasão do Capitólio (e com Donald Trump a recusar aceitar os resultados das eleições), Joe Biden [obtinha uma taxa de aprovação de 57%, a maior até hoje](#). Mas esse efeito de lua de mel não durou. Em agosto de 2021, vinha aquilo que seria o primeiro falhanço da administração Biden: **a saída caótica das tropas norte-americanas do Afeganistão.**

As bases para a retirada norte-americana no Afeganistão já tinham sido lançadas por Donald Trump, sendo que Joe Biden também concordou com o plano. Mas a implementação não poderia ter corrido pior: os **talibã começaram uma ofensiva e chegaram a Cabul em pouco tempo.** Treze soldados norte-americanos morreram num ataque na capital afegã. Aviões lotados tentaram sair do Afeganistão, gerando-se o pânico. Tudo isto contribuiu para que a imagem da administração Biden ficasse inevitavelmente manchada pelo caos.

Na política externa, a imagem que transmitiu é que os EUA estavam enfraquecidos. Internamente, num país que valoriza particularmente as Forças Armadas, a [popularidade de Joe Biden diminuiu de forma considerável: passou de 56% em junho para 43% em setembro de 2021.](#) Durante o resto do mandato, o Presidente norte-americano nunca mais conseguiu inverter a tendência e ter uma taxa de aprovação positiva.

Independentemente dos números, Joe Biden ia tentando colocar em prática algumas das suas promessas eleitorais. Uma das bandeiras consistiu em alertar para os **perigos das alterações climáticas** e agir nessa base, invertendo completamente a marcha do antecessor. Uma das primeiras medidas passou mesmo pelo regresso dos EUA ao acordo de Paris. Comprometeu-se também com reduzir as emissões poluentes para metade até 2030, incentivando o uso de **energias limpas.**

No discurso de despedida, o atual Presidente demonstrou orgulho na forma como lutou contra esta **"ameaça existencial"**. "Aprovei a lei mais significativa de energias limpas de sempre na História. O resto do mundo está a tentar imitar. Está a funcionar e a criar empregos", saudou Joe Biden, acrescentando que não é necessário "escolher entre proteger o ambiente e fazer crescer a economia". [Para o New York Times](#), não há dúvidas: "Nenhum Presidente fez mais para combater as alterações climática do que Biden".

Outro dos grandes sucessos que Joe Biden reclama para si foi o **investimento que fez na reforma de infraestruturas**. O Presidente quis restaurar estradas, pontes, aeroportos e canais, num plano de biliões de dólares que recebeu o apoio do Congresso (e até mesmo de republicanos).

Em declarações ao Observador, Stephen Farnsworth, professor de Ciência Política e diretor do Centro de Liderança e Estudos dos *Media* na Universidade de Mary Washington, recorda as três grandes iniciativas que Joe Biden lançou com sucesso no início do seu mandato: **"Lidar com a crise da Covid-19, aumentar os gastos em infraestruturas e diminuir os custos de saúde"**. É inegável que estas medidas trouxeram "benefícios" à população; mas, realça o mesmo especialista, algumas das consequências apenas foram apenas sentidas a longo prazo e continuam a ser não ser "visíveis".

A guerra na Ucrânia e a economia: o sucesso em unir a NATO, o insucesso a travar a inflação

Ao longo de 2021, apesar de todas as medidas que ia anunciando, a taxa de aprovação de Joe Biden ia decaindo. Os norte-americanos pareciam não estar convencidos, principalmente devido ao estado da economia, numa altura em que já se registava um aumento do custo de vida. **"O pico de inflação no final da pandemia de Covid-19 foi um fator que contribuiu para isso"**, diz ao Observador Matthew Kerbel, professor emérito de Ciência Política na Universidade Villanova, na Pensilvânia.

Porém, a economia não ia melhorar nos próximos meses. Muito pelo contrário. A 24 de fevereiro de 2022, as **tropas russas invadem a Ucrânia**. Os Estados Unidos da América declaram imediatamente o seu apoio a Kiev, enviando armamento e aplicando sanções contra a Rússia. Nas suas declarações públicas, Joe Biden atacava duramente Vladimir Putin, acusando o homólogo russo de ser um *"bully"* com "pretensões imperiais" e que desejava "restabelecer a antiga União Soviética".

O apoio norte-americano à resistência ucraniana ao longo de quase três anos de guerra **foi essencial para que a Ucrânia conseguisse sustentar a ofensiva da Rússia**.

Inicialmente, para o público norte-americano, praticamente todas as vozes concordavam com a estratégia delineada por Joe Biden: enviar apoio militar e financeiro para Kiev, ao mesmo tempo que se fortaleciam as alianças mantidas em todo o mundo.

Para Stephen Farnsworth, não há dúvidas que Joe Biden será "**lembrado pelo seu esforço bem-sucedido em conter o expansionismo russo na Ucrânia**". Por sua vez, Meena Bose, professora de Ciência Política na Universidade de Hofstra em Nova Iorque, destacou o "compromisso" do Presidente em "fortalecer as alianças norte-americanas". "Será especialmente importante" para o seu legado, principalmente por causa da entrada de mais dois Estados-membros na NATO: a Finlândia e a Suécia, países que quebraram com uma tradição centenária de neutralidade.

"Quando Putin invadiu a Ucrânia, pensou que poderia conquistar Kiev numa questão de dias. A verdade é que, desde que a guerra começou, sou o único que estive no centro de Kiev, não ele", [afirmou](#) Joe Biden numa conferência de imprensa na segunda-feira, em que fez uma avaliação da política externa. Embora o apresente como uma vitória, nem sempre a sua gestão foi imune a críticas. Enquanto uns argumentavam que o Presidente era demasiado cauteloso e não disponibilizava os meios de que a Ucrânia precisava para se defender, **outros consideravam que os gastos do conflito eram demasiado elevados para os EUA.**

A guerra na Ucrânia gerou ainda um **aumento da taxa de inflação que foi sentido também nos EUA.** Em junho de 2022, atingiu um pico de 9,1%. Na entrevista ao USA Today, Joe Biden defendeu que a "economia estava paralisada" na altura. "As cadeias de abastecimento estavam destruídas. A Ucrânia estava a causar consequências económicas significativas para os Estados Unidos e para o mundo. E a ganância das empresas estava a aumentar."

Apesar de a conjuntura internacional ser negativa e de a inflação ter baixado a partir da segunda metade de 2022, os norte-americanos nunca esqueceram ou perdoaram o **aumento de custo de vida.** Aliás, o estado da economia e a subida de preços, como em bens alimentares ou nos combustíveis, foram dois dos fatores que mais norte-americanos se queixavam, apontando o dedo diretamente à administração Biden. **"Os democratas não fizeram um bom trabalho a abordar as ansiedades dos eleitores sobre preços elevados"**, sentencia Stephen Farnsworth.

Pelo lado mais positivo, Joe Biden reivindicou como um grande sucesso da sua administração a **criação de emprego** nos Estados Unidos. Como nota a Forbes, o chefe de Estado cessante acaba o seu mandato com uma taxa de desemprego de 4,1% — [apenas Bill Clinton saiu da Casa Branca com uma taxa mais favorável.](#) **A**

aposta na indústria de semicondutores nos EUA foi também, como aponta Meena Bose, um fator positivo dos últimos quatro anos.

Sendo um Presidente mais ao centro no Partido Democrata, Joe Biden fez algo, na área da economia, que agradou em particular à ala mais progressista e também aos eleitores mais à esquerda. **O líder norte-americano foi o primeiro na História a participar num piquete de uma greve no setor automóvel**, defendendo um aumento salarial para os trabalhadores. A iniciativa ocorreu cerca de um ano antes das presidenciais, sendo que politicamente o chefe de Estado tentou piscar o olho ao eleitorado colarinho azul, mais próximo de Donald Trump.

Além da economia, vários norte-americanos também manifestaram o seu desagrado com **políticas migratórias adotadas nos últimos quatro anos**, existindo, segundo Meena Bose, várias "preocupações" sobre a temática. Afastando-se da retórica mais explosiva de Donald Trump, mas também não cedendo à ala mais progressista do Partido Democrata, o Presidente norte-americano tentou encontrar um **meio-termo**. Ficou, no entanto, em terra de ninguém, [como explica o think tank Migration Policy Institute](#): "Os defensores dos direitos dos imigrantes alegaram que as políticas na fronteira de Biden reforçaram a abordagem de Trump. E os conservadores consideravam que a estratégia da administração causava o caos, permitindo que milhões de pessoas chegassem sem autorização aos Estados Unidos".

Por um lado, Joe Biden manteve medidas como a expulsão rápida de imigrantes sem documentos; por outro, aumentou o número de refugiados que os EUA aceitavam. Politicamente, vários especialistas notam que o Presidente foi demasiado lento a reagir às crises que iam surgindo perto da fronteira — e os republicanos aproveitaram para obter ganhos políticos. **"O que vejo é que o círculo mais próximo de Biden não entendeu que havia uma guerra pela narrativa"**, referiu Marielena Hincapié, professora na Cornell Law School [à Voice of America](#).

Segundo aquela especialista, Joe Biden cometeu um erro "ao não priorizar a imigração" durante o seu mandato e ao não responder de forma categórica a várias acusações feitas pelos republicanos, em particular a facção mais próxima de Donald Trump. "Não designaram o que estava a acontecer na fronteira como uma crise, quando era isso que a população via. Cederam à narrativa", constata.

A recandidatura de Joe Biden e a "culpa" apontada ao Presidente pelos democratas

No final de 2022, a taxa de aprovação do atual líder norte-americano mantinha-se na ordem dos 40%. Na altura, entre os democratas, **reinava a apreensão**, em particular

por conta das eleições intercalares marcadas para 8 de novembro daquele ano. As sondagens retratavam um cenário em que os republicanos obteriam vitórias retumbantes. Contudo, apesar dos prognósticos negativos, os democratas mantiveram o controlo do Senado, perdendo apenas a Câmara dos Representantes.

A vitória pírrica dos republicanos nas intercalares esteve relacionada, em grande medida, com a **reversão do caso *Roe v. Wade***. Em concreto, o direito ao aborto deixou de estar garantido a nível federal, cabendo aos estados aplicar a legislação que bem entenderam. **Vários eleitores demonstraram nas urnas o seu degradado contra a reversão de medida**, que se deveu ao Supremo Tribunal — com dois juízes escolhidos por Donald Trump no seu primeiro mandato.

Ao longo da sua carreira política, Joe Biden nunca foi um grande defensor do direito ao aborto, em parte devido ao seu catolicismo. "Sou um católico praticamente. Não sou muito fã do aborto", [reconheceu](#), ainda que se tenha mostrado, ao longo do seu mandato, um dos maiores críticos da reversão do caso *Roe v. Wade*: "Sejamos muito claros: a saúde e a vida das mulheres desta nação estão em risco", reagiu após o anúncio, numa decisão que também pode ser lida politicamente. A posição dominante no Partido Democrata é o apoio irrestrito do direito ao aborto; ora, o Presidente estava consciente que as dúvidas que pudesse demonstrar em relação ao assunto podiam quebrar a confiança da base eleitoral na sua administração.

Após os resultados nas intercalares, a administração Biden ganha um certo fulgor. Entre os democratas, ficou mais ou menos claro que o atual chefe de Estado se recandidataria dois anos depois. Foi aí que começou a campanha, sendo que, dentro do Partido Democrata, quase ninguém se atreveu a desafiar o atual Presidente. **"A candidatura de Biden limitou as perspetivas de outros membros do partido levarem a cabo campanhas internas competitivas"**, nota Meena Bose.

Num vitória fácil nas primárias, o chefe de Estado norte-americano é consagrado o candidato democrata. O debate no final de junho acaba por ser um abanão para o Partido Democratas; alguns pediam mesmo que Joe Biden desistisse o mais rapidamente possível. **Mas o Presidente mantinha que deveria concorrer**. "Sou velho. Mas sou apenas três anos mais velho de Donald Trump, em primeiro lugar. Em segundo lugar, a minha acuidade mental tem sido muito boa. Fiz mais do que qualquer outro Presidente em muito tempo, em três anos e meio. **Estou disposto a ser julgado por isso**", justificou na altura.

Ora, a tentativa de assassínio de Donald Trump em Butler, na Pensilvânia, coloca ainda mais pressão em Joe Biden. Acaba por sair da corrida a 21 de julho e, no discurso em que oficializa a sua desistência, reconhece que o Partido Democrata não está "unido" em redor da sua candidatura. Ressalvando que acredita na sua visão de liderança e de

visão para o futuro dos EUA — e que por isso “merecia” uma segunda oportunidade —, o chefe de Estado conclui que os seus correligionários não sentem o mesmo.

Toda esta sucessão de acontecimentos, defendem os especialistas ouvidos pelo Observador, terá impacto no legado de Joe Biden. "Sem dúvida que a decisão de se recandidatar e depois acabar a sua campanha meses antes da eleição será parte significativa do seu legado", corrobora Meena Bose. Por sua vez, Stephen Farnsworth considera que alguns democratas vão "culpar Biden por ficar na corrida demasiado tempo": "A decisão de Biden deixou pouco tempo para a campanha de [Kamala] Harris se preparar e **muitos culpam-no em parte pela sua derrota**".

[Em declarações à Associated Press](#), David Axelrod, antigo conselheiro de Barack Obama, frisa que Joe Biden "estava demasiado empenhado em tornar-se um Presidente que fica para a História". "Era quase uma obsessão. Portanto teve dificuldades em analisar os seus erros ou falhanços", lamenta. Citado pela mesma fonte, o diretor da comunicação da Casa Branca, Ben LaBolt, desmente esta ideia e lembra que o atual líder norte-americano governou o país durante um **"tempo muito desafiante para o país e para o mundo"** — e que não estava preocupado com o seu legado.

Gaza, o indulto e Trump. A reta final da carreira política de Joe Biden

Para tentar terminar com o mandato com chave de ouro, Joe Biden apostou em **terminar a guerra entre Israel e o Hamas na Faixa de Gaza**. O acordo foi anunciado ao mundo esta quarta-feira e o atual Presidente lembrou que foi a sua administração a responsável pelas negociações, embora confirmando a articulação com a equipa de Donald Trump. O Presidente-eleito também quis ficar com os louros e garantiu que desempenhou um papel fundamental no processo.

A guerra na Faixa de Gaza foi bastante complexa para a administração Biden, **muito por causa da divisão dentro do Partido Democrata**. Entre os democratas, a posição do Presidente em apoiar a Ucrânia é bem-recebida; são os republicanos, principalmente os da facção MAGA [Make America Great Again], quem mais contesta a ajuda enviada por Kiev a Washington.

[obsblock id = "j!ol6h3ol"]

Em Gaza, a situação é **diferente. A ala mais progressista do partido é a favor de uma abordagem mais dura contra Israel**, obrigando o Estado judaico a cumprir certas obrigações e repensando a aliança "à prova de bala" com Telavive. "Biden será

lembrado por não fazer o suficiente para pressionar Israel para reduzir baixas entre os civis", destaca Stephen Farnsworth.

Houve outra iniciativa, perto do final do mandato, que desagradou a alguns democratas: a **do indulto ao filho, Hunter Biden, pelos crimes de que era suspeito**. "Espero que os americanos compreendam por que, como pai e Presidente, tomei esta decisão", justificou Joe Biden. Muitos membros do partido apontaram o dedo ao Presidente eleito. Por exemplo, o senador do Colorado Michael Bennet [disse](#) que "a decisão de Biden coloca o seu interesse pessoal acima dos deveres e corrói a crença dos norte-americanos de que o sistema judicial é justo e igualitário".

Entre erros e sucessos, o mandato de Joe Biden divide opiniões. Matthew Kerbel diz ao Observador que prevê que os historiadores verão o atual Presidente como alguém "prudente", louvando as suas ações legislativas. "Teve êxito nos seus objetivos de superar a pandemia de Covid-19, em reforçar as alianças internacionais e de reparar os danos institucionais deixados pelo seu antecessor", frisa o especialista, que vaticina que o motivo da impopularidade do atual líder norte-americano será um "ponto de debate" nos livros de História.

[obsblock id = "e97fwhdp6"]

No que toca a Stephen Farnsworth, a eleição de Donald Trump em novembro de 2024 vai **"manchar o seu legado"**, ainda que ressalve que algumas das medidas poderão ser vistas com bons olhos no futuro. Existe, porém, o risco de muitas das suas iniciativas poderem ser desfeitas a partir de dia 20 de janeiro de 2025, quando o magnata reentrar na Casa Branca.

Mais de 50 anos depois de ter entrado no Senado como um dos mais novos de sempre, Joe Biden está perto do fim da sua longa carreira política. Enquanto Presidente, Matthew Kerbel suspeita que "será melhor tratado pela História do que pelos seus contemporâneos". Em todo o caso, a forma como conseguiu permanecer na política durante mais de cinco décadas, e teve a capacidade de se reerguer perante derrotas e tragédias pessoais, transformaram-no numa **figura incontornável** da História da política norte-americana.